

Castoriadis, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo, Paz e Terra, 1982. 418 p.

"Anuncia-se uma nova ética . . . não pelo caminho do medo, mas sim pelo do desejo."

(Jacques Lacan)

Na paisagem histórica que fixa nossas idas e vindas, o encontro com o marxismo é inevitável para quem se preocupa com a sociedade enquanto problema. Todavia, falar de marxismo tornou-se difícil, na medida em que é preciso saber de que marxismo se fala. Essa dificuldade se tornou ainda maior desde que o marxismo se tornou uma ideologia no sentido que Marx dava a esse termo, isto é, de um conjunto de idéias que se refere a uma realidade não para esclarecê-la e transformá-la, mas para encobri-la e justificá-la, de modo a permitir que as pessoas digam uma coisa e façam outra.

Será que toda teoria revolucionária precisa experimentar essa trajetória? Boa parte do texto de Castoriadis procura responder a esta questão. E o faz a partir da idéia de que a discussão sobre a relação do projeto revolucionário com a realidade deve ser deslocada da questão da inelutabilidade histórica do socialismo ou do não-socialismo, para a questão da possibilidade efetiva de transformação social.

O capitalismo engendrou a oposição entre direção e execução, de modo não independente da relação entre capital e trabalho que a fundamenta. O capitalismo vive de heterogestão. Qualquer discussão sobre a possibilidade de transformação passa, portanto, pela questão da autogestão, e essa por sua vez, passa pela questão do instituinte e da autonomia.

Como afirma Castoriadis, "a história fez nascer um projeto; esse projeto nós o fazemos nosso, pois nele reconhecemos nossas mais profundas aspirações, e pensamos que ele é possível. Estamos aqui neste exato lugar do espaço e do tempo, entre estes homens, neste horizonte. Saber que este horizonte não é o único possível

não o impede de ser o nosso, aquele que dá forma a nossa paisagem de existência."

Autonomia, desejo, instituinte, organização são, assim, as palavras-chave de um velho e novo projeto, cuja utopia, no sentido de impossibilidade, não cabe mais seriamente na cabeça de ninguém, a não ser nas daquelas que vivem do poder, do instituído. □

Fernando Cláudio Prestes Motta

Professor titular no Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos (ADM), da EAESP/FGV

Castoriadis, Cornelius. *Diante da guerra*. São Paulo, Brasiliense, 1982. v. 1, 275 p.

"É este Estado de direito, o Estado da lei por excelência, que detém, ao contrário dos Estados pré-capitalistas, o monopólio da violência e do terror supremo, o monopólio da guerra."

(Nicos Poulantzas)

Cornelius Castoriadis, Pierre Charlier e Paul Garden são a mesma pessoa, em fases diferentes da mesma denúncia, a denúncia de uma ilusão e, ao mesmo tempo, a denúncia de uma opressão. Ultrapassados os limites do pensamento trotskista, era preciso organizar a crítica do próprio trotskismo e da dominação burocrática estabelecida na União Soviética. Foi precisamente para isto que, com Claude Lefort, esse grego que produziu principalmente na França criou o grupo Socialismo ou Barbárie.

Muita coisa importante foi produzida e o grupo e sua revista acabaram. Castoriadis, entretanto, nunca parou. A partir do famoso texto *As relações de produção na Rússia*, prosseguiu sempre. Nessa trajetória, o ideal de uma sociedade autenticamente socialista jamais desapareceu. A descrença no regime soviético, porém, só cresceu.

Em *Diante da guerra*, Castoriadis não está preocupado com uma guerra que estourará amanhã, depois de amanhã, ou daqui a 20 anos. Preocupa-se, isto sim, com a guerra que está presente em toda a teia de relações internacionais e nacionais. no cotidiano das políticas, das práticas e dos discursos. Preocupa-se com o poderio crescente da União Soviética, que prefere chamar de Rússia, e com as condições altamente favoráveis à manutenção e ampliação desse poderio.

Realmente, não importa discutir quem é o grande vilão, se os Estados Unidos ou a União Soviética. Interessa, isto sim, verificar que, enquanto a última se expande, os primeiros se retraem, por motivos absolutamente lógicos e racionais.